

OS CASOS REALIZADOS NA POSIÇÃO SUJEITO DE VERBOS INACUSATIVOS

*Sandra Mara Silvério**

Sandra Ghizoni Kafka

Nora Lucia Pizzanelli

1. INTRODUÇÃO

Muitas teorias lingüísticas que se propõem a descrever sintática e/ou semanticamente a gramática de uma língua tomam o verbo como o elemento central da sentença.

As descrições tradicionais do português não fogem à regra. É a partir da centralidade do verbo, que dá a uma frase o estatuto de oração, que todas as análises da Gramática Tradicional (doravante GT) são realizadas. Entretanto, vários estudos mostram que as análises da GT são insuficientes para a descrição dos fatos do português do Brasil¹.

Partindo, por exemplo, das conceituações dadas ao termo *sujeito*, podemos entender o porquê de sua insuficiência. Segundo Almeida (1989: 411):

- (1) "o sujeito de um verbo é a pessoa ou coisa sobre a qual se faz uma declaração"

Diante da definição dada em (1), podemos argumentar que, então, em (2):

(2) Chove torrencialmente em Florianópolis.

o sujeito é *Florianópolis*, pois a sentença faz uma declaração sobre a cidade. Almeida prossegue dizendo que para encontrar o sujeito

(3) “é bastante saber quem praticou a ação² (...)”, o que se consegue mediante uma pergunta em que se coloque ‘que’ ou ‘quem’ antes do verbo”.

mas tal afirmação é, ainda, mais problemática: o sujeito nem sempre é aquele que pratica a ação. A noção de *agente*, oriunda de uma análise semântica, aparece relacionada a uma noção que é basicamente formal, no caso, à noção da posição *sujeito*. Em contextos tais como em (4), a idéia de “agente” não parece ser condizente com o argumento que se encontra em posição sujeito:

(4) A Jaqueline parece bastante resfriada.

Por esses e outros pontos a GT perde sua credibilidade enquanto teoria que se predispõe a descrever os fatos lingüísticos. Pressupor que as relações bastante complexas entre o aspecto formal e o semântico sejam relativamente simples, de acordo com Perini (1993: 22-3), é incorrer no erro de “acreditar que para cada forma sintática ou morfológica existe um significado básico e só um (ou uns poucos), de maneira que a explicitação da relação forma - sentido seria na essência uma questão de justaposição: a forma X tem o significado Y”.

Observar melhor essa relação complexa entre a forma e o

sentido de um elemento que se realiza na posição sujeito dos verbos monoargumentais, particularmente dos verbos inacusativos, é o que perseguiremos neste trabalho. Para tanto, utilizaremos duas teorias distintas, cujos pressupostos epistemológicos são considerados também bastante distintos:

a) a Gramática de Casos, na definição semântica do elemento que se encontra na posição sujeito;

b) a Gramática Gerativa, de onde buscamos a definição formal da posição sujeito e uma classificação sintática mais coerente para o trabalho que pretendemos desenvolver.

Obviamente, quando buscamos uma classificação sintática formalizada, excluimos sentenças em que predominem quaisquer interpretações metafóricas, ato que assumiremos aqui como indispensável tendo em vista nossos objetivos.

Vale ressaltar também que adotamos no trabalho o Modelo Casual da UFSC³ proposto em Nicolacópulos, Olímpio, Oliveira et al. (1997: 203), por entendermos ser este um modelo competente no que se refere à captação de efeitos semânticos produzidos na relação entre o verbo e seus argumentos.

2. A HIPÓTESE INACUSATIVA E A CLASSIFICAÇÃO VERBAL: TRANSITIVOS E INTRANSITIVOS

Para aplicarmos a *hipótese inacusativa* proposta por Burzio (1986) à classificação tradicional dada aos verbos, é necessário primeiro introduzir alguns termos utilizados pela Gramática Gerativa. Raposo (1993: 275) esclarece-nos que “as expressões lingüísticas podem ser analisadas num *predicador* central e num determinado número de argumentos que lhe completam o sentido (...). No nível da oração, o predicador mais importante é o verbo. (...) Cada predicador é especificado quanto ao número de argumentos

que exige para formar uma expressão lingüística completa”.

Assim, em (5),

(5) Carlos ama Amália desenfreadamente.

temos o verbo *amar* que seleciona dois argumentos: aquele que ama, o *experienciador*, e aquele que é amado, um *tema*, ou *objeto*, respectivamente, o *Carlos* e a *Amália*.

Este verbo recebe a classificação “basilar” de *transitivo*, classe que se mantém inalterada se comparada à classificação assumida pela GT. É nesta classe que estão também muitas das construções causativas, e outras com verbos factivos, volitivos, epistêmicos⁴ etc, e que por si só apresentam questões que mereceriam um trabalho à parte, razão pela qual acabamos por deixá-la de fora nas nossas investigações.

Restam, portanto, os verbos que selecionam um único argumento, e, ainda, aqueles tratados como “de ligação” e “auxiliares” pela GT. No primeiro caso, estariam os *intransitivos*. Esta classe, à luz da hipótese inacusativa, sofre alterações consideráveis. Segundo Miotto (1994: 12), uma das motivações para se separar os verbos monoargumentais em duas classes é a restrição seletional imposta por alguns verbos, que requerem necessariamente um argumento [+ animado].

Esta primeira classe engloba, portanto verbos que selecionam como argumento externo um *agente*, elemento que ocupará a posição sujeito na estrutura de superfície. Miotto (op. cit.) disse-nos ainda que nesta classe dificilmente teremos um “sujeito” posposto ao verbo, como podemos conferir em (6)⁵:

(6)a. # Miou o gato.

b. # Telefonou o João.

Outros exemplos seriam os verbos *espirrar*, *relinchar*, *trabalhar*, *correr*, *falar*, *rir*, *gargalhar*, *mentir*, *soluçar*, *dançar*, *voar*, *pular*, *andar*, *viajar*, *brincar*, etc. , que agora passamos a investigar utilizando a noção de caso da Gramática de Casos.

De fato, de caordo com a Gramática de Casos, parece que os verbos *intransitivos*, se concebidos no modelos chomskyano, vão necessariamente apresentar um *agente* em posição sujeito conforma constatamos pelos exemplos abaixo (o sinal de igualdade indica co-referência semântica):

- (7) Os cães *ladram* e a caravana passa. + [_A]
- (8) Sapo não *pula* por gosto, mas por precisão. + [_A,*O]/
A=O
- (9) O pólem das flores me fez *espirrar*. + [_{*} A]/A - apagado
- (10) Lá no celeiro, o cavalo *relinchou*. +[_A]
- (11) Quem *trabalha* demais não tem tempo pra ganhar dinheiro. +[_A]
- (12) Juçara *soluçava* desesperadamente. +[_A]

Em outros exemplos, porém, encontramos verbos intransitivos que, ou apresentam só *experienciadores* na posição sujeito (cf. em (13)), ou apresentam um *benefactivo* co-referencial ao *agente* (cf. em (14)):

- (13) Segundo Freud, o homem *sonha* todas as noites. + [_E]
- (14) Quem muito fala, muito *erra*. (= comete muitos erros)
+[_{*}A,B,*O]/A = B; O - lex; A,B.O - apagados

Tal análise, entretanto, não nos surpreende, uma vez que nos quadros da gramática gerativa muitos estudos já foram dedicados às peculiaridades presentes em construções com verbo

de conteúdo psíquico⁶. Abandonemos igualmente a classe dos *intransitivos* e dirijamo-nos, na próxima sessão, a uma classe diferente de verbos monoargumentais.

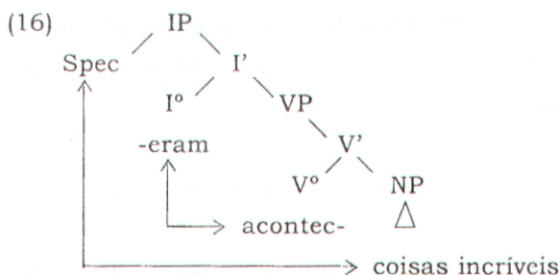
3. GRAMÁTICA GERATIVA: A CLASSE DOS VERBOS INACUSATIVOS

Além dos intransitivos, nos moldes da teoria gerativa, um outro tipo de verbo monoargumental é chamado de **inacusativo**. Nesta classe estão os verbos cujo único argumento não é necessariamente um *agente*, aos quais se adaptam facilmente sujeitos pospostos como nas sentenças em (15):

- (15)a. Chegaram as muambas encomendadas. (= as muambas encomendadas chegaram)
- b. Aconteceram coisas incríveis. (= coisas incríveis aconteceram)

Isto porque, segundo Burzio (op. cit.), há verbos que podem selecionar apenas um argumento *interno*, mas que, diferente dos verbos transitivos, são incapazes de atribuir Kaso⁷ acusativo a seu argumento interno. O fato de um verbo inacusativo não ter argumento externo faz com que o sintagma nominal que é o argumento interno (ou o que faz parte deste argumento) venha a ser o sujeito. O sintagma se move, portanto, para conseguir Kaso.

Para melhor ilustrar a hipótese acusativa, observe a sentença (15b) e sua representação na estrutura apresentada em (16):



A sentença em (16) é encabeçada por uma flexão verbal em IP (*inflectional phrase*) que seleciona um constituinte verbal (V). Em VP, temos a estrutura profunda, onde se encontram as propriedades lexicais do núcleo *acontecer*, dentre elas a seleção feita por este verbo de apenas um argumento interno nominal (NP). Postulamos que o verbo não atribui Kaso acusativo (cf. nota (7b)) ao argumento interno, que, todavia, precisa ser marcado por Kaso para a gramaticalidade da sentença. Na estrutura superficial, então, o verbo se move para I° (o núcleo de IP) onde se incorpora à flexão; o NP move-se também, só que para o Spec (especificador) de IP, posição marcada por algumas propriedades gramaticais como o Kaso nominativo, daí também ser a posição canônica do sujeito sentencial. Em Spec IP, o NP *coisas incríveis* recebe finalmente Kaso nominativo.

Podemos, desta forma, entender por que o complemento vai terminar em posição sujeito na sintaxe superficial. Disto, uma questão que se põe, seguindo o raciocínio de Miotto (op. cit.:11), é: por que não se concebe que um verbo do tipo de *acontecer* continue simplesmente pertencendo à classe dos intransitivos como na GT? Ora, “mantido o verbo como intransitivo, a análise enquadra o fenômeno nos processos usuais de subjetivação, ou seja, o que é argumento externo de um verbo termina sendo o sujeito. Além disso, parece curioso, para uma teoria, criar exceção para uma classe de verbos que permitem a subjetivação de seu complemento”.

Alguns verbos inacusativos formam uma classe cujo comportamento sintático é bastante peculiar. Para Burzio (id.), a principal característica dos inacusativos é a propriedade de inversão, ou seja, a existência de uma relação "AVB @ BV", sendo A e B, dois sintagmas nominais, e V, o verbo, como acontece em sentenças como as em (17):

- (17)a. A Petúnia esfriou a sopa.
b. A sopa esfriou.

Entretanto, sabemos que há outras construções típicas somente de verbos inacusativos, como, por exemplo, em (15) e (16), onde temos a relação "VB @ BV". Eliseu (1984) propõe que a relação existente é, ao contrário da proposta de Burzio, "BV @ AVB". De Eliseu (op. cit.:21-22) e de sua análise em sentenças do Português europeu, resumimos abaixo outras propriedades dos verbos inacusativos, caracterizados por partilharem propriedades dos transitivos e, algumas vezes, dos intransitivos:

- a) ocorrem em construções "intransitivas", tendo como sujeito superficial um sintagma nominal (e.g. "A porta abriu");
- b) as formas participiais dos inacusativos têm propriedades comuns aos transitivos, como a ocorrência no Particípio Absoluto, em posição predicativa e atributiva (e.g. "A porta está está aberta");
- c) o sujeito superficial dos inacusativos não pode ser interpretado como um "agente", uma vez que estes verbos não admitem formação de nominais com sufixo -or (cf. * "O abridor de porta...") (*abrir* - inac.) com "O corredor de maratona..." (*correr* - intrans.))⁸;
- d) nos inacusativos que ocorrem em pares de construções transitiva/ intransitiva, a relação entre o verbo e o sujeito superficial na forma intransitiva é a mesma que existe entre o verbo e o

objeto na forma transitiva (sic) (e.g. “A porta abriu” e “O vento abriu a porta”).

Além disso, analisamos como inacusativos os verbos chamados “de ligação”, os “auxiliares”, e outros, de acordo com a complementação selecionada (Mioto, id.):

a) *parecer*, que, como argumento interno, pode selecionar uma *small clause*⁹, uma outra sentença encaixada, ou um constituinte em que o núcleo seja um verbo infinitivo;

b) *ser*, que selecionaria uma *small clause*;

c) *ir, poder, dever*, que selecionam um infinitivo (impessoal);

d) *estar, continuar, ficar*, que selecionam um verbo no gerúndio;

e) *ter*, que seleciona um verbo no particípio.

Finalmente tendo em mente a classificação exposta, podemos nos deter no estudo do elemento que preenche a posição sujeito nos inacusativos.

4. OS INACUSATIVOS E SEUS ESQUEMAS CASUAIS

Na verificação dos esquemas casuais dos verbos inacusativos, encontramos em posição sujeito (aparecem sublinhados os NPs em posição sujeito; em *itálico*, os verbos em análise; e, em **negrito**, no esquema casual, a tipologia deste argumento):

Com o caso **agente**:

(18) Os bons alunos *terminaram* antes a faculdade. (Veja, 18/06/97) +[_**A**,O]

(19) “Radares instalados em várias cidades multam como nunca e *diminuem* as mortes no trânsito.”(id.) +[_***A**,O]/
A - apag.

(20) “Radar *aumenta* média mensal de multas”. (id.) +

[_A,O]

(21) “No palco, quatro dancarinas morenas com short à la Carla Perez enlouqueciam a rapaziada”. (id.) + [_A,E,
*O]/A=O

(22) A cozinheira engrossou o caldo de peixe. + [_A,O]

Com o caso **experienciador**:

(23) “Renato *está* cheio com o Flamengo”. (nota de aula¹⁰) +
[_E, Oe]

(24) “Estrategicamente localizados na rota entre dois continentes, os turcos *têm* o comércio no sangue”. (id.)
+[_E,Oe]

Com o caso **benefactivo (beneficiário)**:

(25) “Ninguém *teve* culpa”. (Veja, 18/06/97) +[_B,O]

(26) “Todos *têm* direito ao meio ambiente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, ...” (Art. 255, Constituição da República Federativa do Brasil de 5/10/1988) + [_B, Oe, Oe]

(27) “Isso acontecia porque, até o Plano Real, os governadores *tinham* o poder de gastar mais.” (id.) (Veja, 18/6/97) +
[_B, Oe]

Com o caso **objeto**:

(28) Este número *não consta* da lista telefônica. + [_Oe, L]

(29) “Urbanizar e asfaltar *tornam-se* metas em si”. (Ciência Hoje, 31, 1987). + [_O,O]

(30) O protesto do médico *está* bem fundamentado. { [_Oe,

*E]/E - apag

- (31) "A história real *vira* um videoclipe compungido e, no fim das contas, o vencedor , antes truculento, readquire sua humanidade. "(Veja, 18/6/97) + [_O,O]
- (32) "No último dia 12 a escritura finalmente *trocou* de mãos. (id.) +[_O,B]
- (33) "Os salários *dobram*". (id.) +[_O]
- (34) "isso *acontecía* porque, até o Plano Real, os governadores tinham o poder de gastar mais."(id.) +[_O]
- (35) "... Zé do Coco não *apareceu* ao julgamento." (id.) + [_A, *O, L]/A=O
- (36) "A dúvida *continua*: Pitta é ingênuo ou esperto demais." (id.) +[_O,*E]/E - apag.
- (37) "Os hábitos orientais e a religião muçulmana, contudo, *permaneceram*."(id.) {[_O,*E]/E - apag.
- (38) "Ligações perigosas nunca *acabam* bem. " (id.) +[_O]
- (39) "Os Clientes Bradesco *estão* em toda parte."(id.) + [_Oe,L]
- (40) "O passado , contudo, *vai* além dos impérios bizantino e otomano."(id.) + [_O, T]
- (41) "Os madeireiros malaios *são* os melhores do mundo e os brasileiros não têm tecnologia para concorrer com eles. "(id.) +[_Oe,Oe]
- (42) "A alfabetização *demora* um ano." (id.) + [_O,T]
- (43) "As palavras farinha e farofa não *aparecem* no livro."(id.) +[_ Oe, , L]
- (44) "A idéia da pílula do dia seguinte *surgiu* há quatro anos , nos Estados Unidos,"(id.) +[_O, *E]/E - apag.
- (45) Num mundo onde as áreas de cultivo são restritas e a população *cresce* a cada dia, esse desperdício não pode continuar."(id.) +[_O]
- (46) "Mesmo assim, a dívida do Estado só *cresceu*."

(=aumentou) (id.) +[_O]

(47) "O senador Iris Rezende parece um peixe fora d'água..."

(id.) +[_Oe, Oc, *E]/ E - apag.

(48) "A milenar cultura da terra é perseguida." (id.) + [_A,

*E, O]/A =E apag; passiva.

Com o caso **locativo**:

(49) "As minhas gavetas não cabem mais nada." (Decat, 1989; citado por Figueiredo Silva, 1996:71) +[_L,Oc]

(50) "Essa casa batia mais sol antes.". (Pontes; id. ibid.) +

[_L,O]

(51) Como que o porta-malas do corsa cabe tanta coisa? +

[_L, Oc]

(52) A Kombi tem muito espaço. + [_L,Oe]

Tendo como dados as sentenças analisadas podemos finalmente tecer algumas considerações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo e coroando nossas expectativas, o que primeiramente nos chama a atenção diz respeito ao número de ocorrência dos casos. Observe que das 35 sentenças com verbos *inacusativos*, considerando os Casos co-referentes, 22 mostram *objetos* na posição sujeito, 06 mostram *agentes*, 02 *experenciadores*, 03 ocorrências de caso *benefactivo* e 04 são as ocorrências do caso *locativo*. Não houve ocorrência dos casos *tempo*, *holístico* e *comitativo* na posição, o que não deve ser tomado como se realmente não se pudesse ter tais casos nesta posição.

Particularmente, cremos que se a coleta de dados se

prolongasse provavelmente teríamos também estes casos em posição sujeito, o que comprovaria nossa intuição inicial, ou a tese de que os verbos inacusativos, como monoargumentais, não reagem ao que está à sua esquerda e, portanto, podem exibir uma relação semântica com quaisquer casos.

Outro ponto que podemos comentar é que, contrariando a tese de Eliseu (op.cit.), acabamos observando que existe a possibilidade de termos, na sintaxe superficial, um *agente*, como nas sentenças analisadas em (18) até as em (22). Isto, porém, não desqualifica os *inacusativos*. O que nos parece razoável comentar é que qualquer verbo quando empregado em uma construção causativa vai necessariamente apresentar um *agente* e um *tema*.

Deixemos de lado, portanto, as construções causativas e prossigamos no nosso raciocínio acerca das particularidades dos *inacusativos* como verbos monoargumentais. Neste contexto, podemos sustentar que o que se realiza na posição sujeito é verdadeiramente o *argumento interno* do verbo e, para tanto, trazemos para a discussão uma análise das sentenças em (17), repetidas em (52) por conveniência:

(52)a. A Petúnia esfriou a sopa.

b. A sopa esfriou.

Em (5a), temos o DP *a Petúnia* praticando a ação de *esfriar a sopa*, o que coloca este DP numa relação de agentividade com o verbo *esfriar*. A mesma relação não se mantém, entretanto, em (52b), onde o DP *a sopa* deve, antes de tudo, ser analisado como *objeto*, se realizarmos os devidos testes (id. nota 10):

1) Para detectar ou não um evento: O que aconteceu? A *sopa esfriou*. - portanto, trata-se de um evento.

2) Se evento:

a) para detectar processo: O que aconteceu com o SN? *esfriou*. - logo, processo;

b) para evento agentivo: O que o SN fez? *esfriou*. - resposta, no mínimo, questionável se comparada à anterior.

Disto, podemos concluir que a existência de agentes nas sentenças em (18) até as em (22) se deve ao fato de estarmos diante de construções *causativas*. Se, de outro modo, os mesmos verbos forem usados em construções *inacusativas*, teremos na posição sujeito um DP com o caso *objeto*, ou um *experienciador*. Assim, repetimos as sentenças com construções causativas (cf. a sentença em (53) até a sentença em (57) abaixo), transpondo os argumentos internos para a posição sujeito e utilizando os mesmos verbos nas suas respectivas formas *inacusativas*:

(53) As aulas terminaram. +[_O,]

(54) As mortes no trânsito diminuíram. +[_O]

(55) A média mensal de multas aumentou. + [_O]

(56) A rapaziada do bairro enlouqueceu. + [_E]

(57) O caldo de peixe engrossou. + [_O]

O resultado, é claro, não poderia ser outro que não o verificado na sentença em (52).

Um outro ponto favorável à idéia da incompatibilidade dos *inacusativos monoargumentais* com o caso *agentivo* é o fato de que mesmo outras construções *inacusativas*, como as *passivas*, não apresentam *agente* na posição sujeito, o que se confirma na sentença dada em (48), repetida, abaixo, em (58):

(58) "A milenar cultura da terra... é perseguida."

Se a sentença em (58) possui o esquema casual "+[_A, *E,

O]/A=E - apagados”, então verdadeiramente o que se encontra em posição sujeito é um *objeto*, estando os casos *agente* e *experienciador* apagados. Neste contexto, é interessante observar sobretudo que o verbo *perseguir* é classificado como *transitivo*, mas construções “apassivizadas” são consideradas *inacusativas* pela própria sentença do verbo *ser*. Este fenômeno, acreditamos, deve se repetir sempre que um verbo transitivo for colocado na voz passiva, como podemos constatar nos exemplos seguintes:

(59) O Hino Nacional foi entoado por muitos brasileiros. +
[_A, **O**]/passiva

(60) As vidraças são sempre quebradas por meninos
travessos. + [_A, **O**]/passiva

Estes resultados só vêm ratificar nossos pressupostos. Como, entretanto, não faz parte de nossos objetivos investigar os elementos em posição sujeito de uma sentença na voz passiva, fica aí a sugestão para um futuro trabalho.

Resta acrescentar que, a princípio, propusemo-nos a realizar uma “maratona” bastante ousada envolvendo duas teorias diferenciadas: a Gramática Gerativa e a Gramática de Casos; esta última, assim entendemos, parte da Semântica Relacional, a Semântica Discursiva, ou grosso modo, trabalha também com o “desempenho”, enquanto aquela, a Teoria gerativista, busca sua análise somente na “competência” do falante.

A partir dos resultados obtidos, entretanto, podemos afirmar que, embora as teorias tenham pontos de partida distintos, isto não significa que não tenham quaisquer contribuições a oferecer uma à outra. Pelo contrário, entendemos que cresce a Linguística enquanto Ciência sempre que suas linhas de pesquisa conseguem mostrar coerência na análise de um fenômeno, ainda que vistos de ângulos opostos.

NOTAS

* Trabalho apresentado para a conclusão da disciplina TE em Gramática de Casos, ministrada pelo Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos, a quem somos muito gratas pela orientação e apoio. Eventuais erros são de nossa inteira responsabilidade.

1 Ver, por exemplo, Ilari (1992); Lemle (1984); Perini (1993); (1995).

2 Grifo nosso.

3 Abaixo, introduzimos a formalização dos principais conceitos da Gramática de Casos usados neste trabalho:

a) O sistema casual (lista de casos ou papéis semânticos) do modelo da Ufsc é composto por oito casos: “*Agente (A)* é o caso que expressa ação; *Experienciador (E)* expressa *sensação, emoção, conhecimento*, percebidos estática, processual e agentivamente, incluindo *comunicação*; *beneficiário (B)* denota *posse, poder, liderança, ganho* ou *perda e transferência, de propriedade*, percebidos estática, processual ou agentivamente; *objeto (O)* é, com verbos de estado, a ‘coisa’ que está sendo descrita [(OE)], com verbos processuais ou agentivos, o ‘objeto’ ou a ‘coisa’ em movimento ou que sofre mudança; *locativo (L)* denota *lugar*, percebido estática, processual ou agentivamente; *tempo (T)* expressa *tempo cronológico*, percebido estática, processual ou agentivamente; *comitativo (C)* denota *companhia*, percebida estática, processual e agentivamente, e *holístico (H)* expressa *o todo, a totalidade* percebidos estática, processual ou agentivamente” (Nicolacópulos & Zucco; 1997:26).

b) a formalização dos esquemas casuais obedecem os seguintes critérios: as iniciais dos Casos presentes nas sentenças são colocadas entre colchetes ([]), separadas por vírgula. Havendo ocorrência de Caso apagado, co-referencial ou lexicalizado, este é marcado com asterisco (*) e sua especificação segue-se ao esquema casual.

4 Para construções com estes verbos ver , por exemplo, Figueiredo Silva (1996).

5 Exemplos em (6) também retirados de Mioto (op. cit.); a notação # representa que a posposição se deve a fatores discursivos.

6 Sobre construções com verbos de “conteúdo psicológico” , ver Belletti & Rizzi (1988).

7 a) Durante todo o trabalho, a palavra *caso* será grafada com “C” (e em letra maiúscula) sempre que nos referirmos às noções ou esquemas casuais usados na Gramática de Casos desenvolvida por Fillmore e seus seguidores; quando, entretanto, nos referirmos à noção de *caso* da Gramática Gerativa, a palavra será gravada com “K”.

b) Em Figueiredo Silva (1996:26), encontramos resumidamente a teoria do caso abstrato: “*[_{NP} a], se a é dotada de matriz fonética e não é marcado por Caso”.

A autora acrescenta as seguintes condições de atribuição:

a. um NP é NOMINATIVO quando for regido por Agr. e/ou Tense (Infl);

b. um NP é ACUSATIVO quando for regido por V;

c. Um NP é OBLÍQUO se for regido por P (e por certos verbos lexicalmente marcados).

8 O asterisco (*) utilizado aqui significa que a sentença é agramatical.

9 Small clause: pequeno constituinte formado por nome + um núcleo adjetival , ou preposicional, ou nominal, sendo predicator este núcleo adjetival, preposicional ou nominal.

10 Nicolacópulos, anotações de curso, UFSC:1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 36 ed. São Paulo: Saraiva, 1989.

- BELLETTI, A. & RIZZI, Luigi. "Psych-verbs and q - Theory". in: *Natural Language and Linguistic Theory*, 6. Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 291-352.
- BURZIO, L. *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht, D. Reisel Publishing Company, 1986.
- ELISEU, A.M.G. *Verbos ergativos no Português: descrição e análise*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 1984.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Unicamp, 1996.
- ILARI, R. *A Lingüística e o ensino da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.
- MIOTO, C. "Lingüística e ensino da gramática". *Anais do Seminário de Lingüística e Ensino de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 7-17.
- NICOLACÓPULOS, A., OLÍMPIO, L.M.N., OLIVEIRA, A. et alii. "O Modelo Casual da UFSC". *Anais do 1º Encontro do CELSUL*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, p. 203-209.
- NICOLACÓPULOS, A. & ZUCCO, B. "Teoria da co-referencialidade em recortes discursivos do Português". (I) / (II). *Revista UNIMAR*, 18 (1): 21-46, 1996.
- PERINI, M. *Para uma nova gramática do português*. 7 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- RAPOSO, E.P. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.